

Como vivem os monstros

Por Katarine Costa · 03/01/2024

Miguel Stedile traz um breve panorama da extrema direita na América Latina e na Europa. E alerta: a luta antifascista deve ser internacional!

A atuação do “Gabinete do ódio”, instalado dentro do aparelho de Estado no governo
O “Gabinete do ódio” foi instalado dentro do aparelho de Estado no governo
Bolsonaro – Foto: Marcelo Camargo | Agência Brasil

[Quando Luís Inácio Lula da Silva venceu as eleições presidenciais brasileiras em 2022](#), uma espécie de alívio coletivo tomou conta não apenas do Brasil, mas também da América Latina e, até mesmo, da Europa. Seu antecessor não havia causado apenas graves prejuízos internos – humanos e ambientais – como também havia enfraquecido drasticamente a articulação dos países do continente. Isto, enquanto confrontava-se, com frequência, com os países europeus diante das críticas à política oficial de desmatamento e ampliação do garimpo.

Nos meses seguintes, Jair Bolsonaro seria condenado pela justiça eleitoral e transformado em inelegível, enquanto seus aliados mais próximos eram investigados pela Polícia Federal e por uma Comissão do Congresso [por tentativa de golpe de Estado](#). Somada à derrota anterior de Donald Trump e seu semelhante ajuste de contas com as instituições estadunidenses, a onda neofascista, que ascendera em todo mundo, parecia um curto pesadelo prestes a acabar. E então, [a Argentina elegeu Javier Milei](#).

É simbólico que não apenas Jair Bolsonaro, mas também Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, estivesse lá. A ausência de qualquer um dos chefes de Estado dos países do G20 também é ilustrativa. Milei nos recorda que a ameaça da extrema direita continua vigente; e Orbán e Bolsonaro de que parte desta direita constitui uma espécie de “Internacional do Mal”, antiga pretensão e construção do ex-ideólogo de Trump, Steve Bannon.

PANORAMA EUROPEU

Evidentemente, não se trata de um problema latino-americano. Na França, Marine Le Pen, candidata do partido de extrema direita Reunião Nacional (RN), perdeu as eleições presidenciais para Emmanuel Macron. Entretanto, obteve 42,4% dos votos, o melhor resultado de um candidato de extrema direita no país desde 1958.

O partido de extrema direita Irmãos da Itália (Fdi) não apenas sextuplicou sua votação e ocupou a maior parte das cadeiras do Parlamento, como sua líder Giorgia Meloni alcançou o cargo de Primeira-ministra.

Na Polônia, o Partido Lei e Justiça perdeu o governo, mas manteve a maioria das cadeiras do Parlamento. E, na Holanda, Geert Wilders, um político anti-islâmico e anti-União Europeia, venceu as eleições legislativas, conquistando 37 dos 150 assentos no Parlamento holandês. Isso, sem mencionarmos que a possibilidade de um retorno de Donald Trump à Casa Branca é uma ameaça real e provável.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Em cada um destes países, em cada um destes episódios, nos perguntamos: “como chegamos até aqui?”, “como isso foi possível?”. E, para nenhuma destas perguntas, encontramos respostas simples. Ao contrário, nos encontramos diante

de um fenômeno complexo e multifacetado, que exige uma análise aprofundada para compreender suas raízes, dinâmicas e impactos.

Em suas múltiplas aparências, muitos têm sido os rótulos para definir estes movimentos – conservadores, populistas, de direita, etc -, entretanto, o termo *neofascista* parece apropriado, quando consideramos que tanto suas encarnações modernas quanto o movimento original têm como núcleo dirigente o capital financeiro e uma classe média frustrada e raivosa como sua base social. Mas é capaz de se infiltrar nos setores populares, graças às fragilidades da esquerda e das organizações populares.

OFENSIVA NEOLIBERAL

[Como bem apontam Stefanie Ehmsen e Albert Scharenberg, em um estudo para a Fundação Rosa Luxemburgo em 2018\[1\]](#), a origem dos novos avanços da extrema direita são resultados da ofensiva neoliberal que acentuou a desigualdade social, agravou a pobreza com políticas de austeridade e ideologicamente transformou inclusive o conceito de “Sociedade”, no melhor estilo de Margaret Thatcher, reduzindo a uma mera aglomeração de indivíduos.

As políticas neoliberais debilitaram a esquerda porque empobreceram, fragmentaram e isolaram suas bases sociais, os trabalhadores e as trabalhadoras. Mas, ao mesmo tempo, promoveram uma ultrafinanceirização, que não apenas tem produzido frequentes colapsos econômicos, como também promove uma acelerada destruição do meio ambiente e amplia as reduções de direitos trabalhistas, como mecanismo para compensar os prejuízos causados por sua própria irracionalidade.

NEOFASCISMO

Para sustentar uma sociedade que comporta apenas 1% de super-ricos, o capital financeiro necessita de políticas cada vez mais repressivas para manter políticas cada vez mais austeras. Portanto, o neofascismo não é um efeito colateral do neoliberalismo, mas sua fase seguinte, necessária para aprofundar e manter as políticas autoritárias na economia ou nos direitos.

Há outras semelhanças entre o velho e o novo fascismo. Ambos se movem por um culto à ação e a recusa à razão – elevada ao negacionismo sanitário ou climático – que nada mais é do que a negação a pensar ou refletir.

O léxico fascista é pobre e suas explicações para quaisquer situações são simples, justamente porque é preciso omitir, ignorar ou negar as contradições. E para impedir que estas contradições produzam um efeito desagregador, é necessário construir uma identidade acima destas contradições.

O “CIDADÃO DE BEM”

A mais comum delas é, evidentemente, a identidade nacional, que oferece tanto a ideia de pertencimento ao “povo”, quanto um inimigo, todo aquele que não seja originário destas fronteiras, imigrantes ou países vizinhos.

Entretanto, esta identidade pode ser também, no caso do Bolsonarismo, o “cidadão de bem”, aquele que paga seus impostos, mas não recebe serviços públicos de qualidade; o que trabalha, enquanto “parasitas” são assistidos por este mesmo Estado; o que tem o direito de defender suas ideias e propriedades mesmo que armado.

Assim, do Fascismo original, a extrema direita contemporânea herda os discursos punitivistas e militaristas – e não à toa que em alguns casos, formam-se em torno deles, milícias; um conservadorismo social; o Anti-intelectualismo, negacionismo e

o combate à cultura letrada como elitista; o Anticomunismo e Anticorrupção.

Vide os recentes discursos de Donald Trump, na corrida eleitoral, prometendo punir todos seus inimigos e [“erradicar os comunistas, os marxistas, os fascistas e os bandidos da esquerda radical que vivem como vermes dentro dos limites do nosso país, que mentem, roubam e trapaceiam nas eleições”](#)[2].

“OS FORTES SOBREVIVEM”

Merecem nossa atenção também as novas características que a extrema direita apresenta. O velho fascismo, contemporâneo das crises econômicas das décadas de 1920 e 1930, desprezava o liberalismo. O novo fascismo o idolatra.

Diante das crises política, econômica e sociais agravadas da última década, o neofascista se nega a perceber que a origem destas crises está na própria lógica parasitária e especulativa do capital financeiro. Ao contrário, seu ideário acredita ser natural que “só os fortes sobrevivam”.

Aqui, emerge a figura do empreendedor, o *self-made man*, aquele que é capaz de sobreviver sozinho ou de construir sua própria riqueza, uma propaganda sofisticada para maquiar o trabalhador sem vínculos empregatícios estáveis, sem direitos e submetido a jornadas infinitas de trabalho.

INDÚSTRIA CULTURAL

Para tanto, é determinante o papel da indústria cultural. Por um lado, de *Mad Max* à *Walking Dead*, Hollywood nos oferece cotidianamente distopias apocalípticas que nos convencem de que é mais provável – e aceitável – que o mundo acabe do que o sistema capitalista.

Por outro lado, eleva à condição de divindade jovens herdeiros brancos do setor tecnológico. Quando os dois maiores bilionários do planeta queimam combustível fóssil e milhões de dólares para passearem por alguns minutos no espaço, enquanto na Terra milhares padeciam da pandemia do covid-19, somos levados a crer que isso é disruptivo ou ousado e não a completa desconexão com a humanidade que os 1% mais ricos exercem.

BIG TECHS

E, efetivamente, não há neofascismo sem o trabalho árduo das *big techs* em censurar e direcionar conteúdo, modular algorítmicos, violar privacidades e leis comerciais. O Vale do Silício fornece tanto o conteúdo ideológico, quanto o aparato de estrutura necessário para o disparo massivo de mensagens, para a construção de bolhas de isolamento, ao contraditório, para a vigilância e classificação dos “eleitores” e seus comportamentos.

Os neofascistas não são gênios da empatia e da propaganda. Eles são alimentados por estratégias elaboradas e alimentadas por milhares de dados extraídos pelo uso frequente de redes sociais.

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Por fim, o conservadorismo moral, presente no fascismo original, agora é potencializado com duas dimensões. Primeiro, o fundamentalismo religioso. A ofensiva neoliberal na América Latina abriu caminho para a expansão de igrejas neopentecostais, ao mesmo tempo, setores mais conservadores da Igreja Católica fortaleceram-se como alternativa a essa “concorrência”, além de derrotar internamente setores progressistas da Teologia da Libertação, presente nos movimentos contestatórios dos anos 1970 e 80.

O fundamentalismo religioso incorpora o discurso empreendedor, através da Teologia da Prosperidade, mas também os discursos punitivistas e armamentista, como política de aliança com estes setores. E coesiona sua unidade na definição do Estado como inimigo a ser batido, assim como para os liberais e “anticorrupção”, uma vez que a laicidade do Estado é considerada como um obstáculo à sua ação.

GUERRA CULTURAL

A segunda dimensão é a ideia de “guerra cultural”, termo cunhado no livro *Culture Wars: A Luta para Definir a América*, de James Davison Hunter, em 1991. Hunter defendia que temas como aborto, porte de armas, aquecimento global, imigração, separação da igreja e do estado, direitos LGBT estavam transformando — e corrompendo — a política e a cultura americana.

A “guerra cultural” também cumpre um papel coesionador para agregar os conservadores tradicionais e os fundamentalistas religiosos por motivos óbvios, mas também os liberais, que rejeitam os “custos” dos acessos das minorias ao Estado e alegam uma sabotagem da meritocracia, quando marginalizados ascendem aos seus direitos.

[Recente pesquisa do American Compass\[3\], em setembro de 2023](#), sobre os eleitores do Partido Republicano nos Estados Unidos revelou que os temas tradicionais como cortes de impostos, desregulamentação e livre comércio foram suplantados pela preocupação com o ativismo transgênero (preocupação de 69% dos entrevistados), as “corporações” woke (62%) — como definem movimentos liberais e identitários, a imigração ilegal (60%) e a doutrinação “racial” (52%).

ATUAÇÃO EM REDE

Esta hegemonia não teria sido alcançada, nos Estados Unidos ou em outros países, não fosse a atuação em rede de diversos Think Thanks. No caso brasileiro, estas organizações privadas, ligadas à economia petrolífera, financiam desde 2013 a formação de lideranças e a construção de movimentos e candidatos de extrema direita.

A eles se somam, instituto liberais locais, em criados na década de 1980, institutos militares e uma multidão de youtubers e influencers de redes sociais, cujo maior expoente é uma produtora de vídeo chamada Brasil Paralelo, dedicada a “reescrever” a história do Brasil e propagandear através estas versões pela internet. [A produtora é a maior anunciante do país em propagandas na Meta\[4\]](#).

ESTRUTURAS ORGANIZADAS

Isso nos leva ainda a duas conclusões. Primeiro, ainda que estes movimentos de extrema direita se apresentem como antissistema, quase espontâneos e gerados por alguma indignação coletiva, na prática, são estruturas bem organizadas, centralizadas e com alto financiamento.

A estética artesanal ou simples faz parte da ilusão de que se tratam de movimentos “naturais”, amplos ou largamente participativos. A atuação do “[Gabinete do ódio](#)”, instalado dentro do aparelho de Estado no governo Bolsonaro, alimentava uma gigantesca rede de sites, canais de youtube e grupos de mensagens instantâneas e conferia coesão no discurso e unidade na ação. A estrutura de fabricação de falsas notícias e disparo de mensagens era também chamada por ele de “sua Inteligência paralela”.

A NOVA DIREITA

Segundo, por maior que seja a coesão emanada do centro do Movimento, não tratamos de sujeitos homogêneos e monolíticos. A pesquisa do American Compass dividiu o eleitor republicano em seis matizes distintas em uma escala entre a Velha Direita (mais preocupada com questões econômicas) e a Nova Direita (dedicada às questões culturais), com predomínio dos setores intermediários, os que agregam pontos de ambos pólos. No caso brasileiro, [a pesquisadora Isabel Kallil identificou 16 classificações entre os eleitores de Jair Bolsonaro](#)[5].

Estes dados tanto apontam que, diante da diversidade, é possível construir tática de descolamento e atração de setores hoje arregimentados pela extrema direita para um campo progressista. Mas, ao mesmo tempo, revelam a capacidade destes movimentos em manter a coesão de um campo amplo e heterogêneo.

ARTICULAÇÃO

Da mesma forma, o movimento neofascista alimenta-se conjuntamente da ofensiva econômica e ideológica, mas não se articula internacionalmente de forma coesa. Na América Latina, são mais presentes os *think thanks* estadunidenses. Nos últimos anos, o partido espanhol Vox passou a buscar alianças e dar suporte aos seus congêneres latinos.

Na Europa, são antigos partidos regionais ou neonazistas que se fortaleceram com a onda, enquanto no Leste, interesses de grupos econômicos e milícias invadem o campo da política. Além disso, setores específicos da extrema direita possuem os seus próprios canais de articulação, como militares, religiosos e juristas.

DESAFIOS DA ESQUERDA

Se os aspectos ideológicos receberam mais destaque aqui do que os avanços eleitorais, é porque aquele precede este. E é porque é neste terreno que a esquerda tem sido derrotada antes dos colégios eleitorais.

É verdade que a ofensiva neoliberal debilitou as organizações de esquerda tanto materialmente, com o empobrecimento e fragmentação de sua base social, quanto ideologicamente. Diante deste cenário, muitas organizações optaram por saídas defensivas, enquanto outras moderaram seus discursos até se descaracterizarem ao ponto de deixarem de existir.

É certo ainda que, diante das transformações no Mundo do Trabalho, muitas organizações não conseguiram impedir o desmonte das estruturas anteriores do Estado de Bem-Estar — ou de uma mínima presença estatal, no caso latino-americano — mas tampouco de apresentar programas e saídas coletivas que protegessem ou identificassem estes novos trabalhadores, abandonados à própria sorte do “empreendedorismo”.

Muitos ignoraram o potencial ou a ameaça das redes sociais e trataram de ocupar este espaço, sempre atrasados ou menos eficientes. Assim, muitas organizações abandonaram os processos internos e massivos de educação popular e formação política e o desafio de projetar novas lideranças.

ENFRENTAR OS MONSTROS

A luta antifascista deve ser, em primeiro lugar e como sempre, internacional. As alianças entre partidos, sindicatos, movimentos e todas as formas de organizações não podem se limitar às próprias fronteiras. Para barrar a ação dos blocos, é necessário responder também em blocos. O nosso tempo tem nos legados desafios não só estruturais, mas globais. Não há saídas individuais para a catástrofe

climática, por exemplo, ou para a tragédia migratória. Não há limites nacionais que sejam respeitados pelos aparelhos não-institucionais do fascismo, como as big techs.

Para enfrentar os monstros do fascismo, a esquerda precisa reencontrar-se consigo mesma. Diante de problemas estruturais contemporâneos — a catástrofe climática, a catástrofe migratória, os conflitos bélicos — a esquerda deve ter a ousadia de propor saídas igualmente estruturais. A moderação e a gerência das crises, como visto na Argentina, é insuficiente para produzir mudanças reais.

Diante das distopias, a esquerda precisa novamente oferecer uma utopia que seja poderosamente mais atraente do que o charlatanismo dos Mileis e Bolsonaro. É preciso enfrentar a resignação com o universo paralelo dos 1% mais ricos, com a recuperação dos ideais de igualdade, fraternidade e solidariedade.

E é preciso que essa utopia se materialize em uma cultura política, que se expresse na arte, na militância, na retomada dos trabalhos de base e de organização. E, para tanto, é necessário deixar as salas confortáveis para escutar, para conhecer a realidade, para refletir sobre ela e propor transformações.

ESPAÇOS COLETIVOS

A luta contra a extrema direita não se dá “a frio” e não se pode mais acreditar que os desgastados freios das instituições da democracia ocidental sejam capazes de interromper esta marcha. Esta é uma luta, assim como a transformação cultural, que só se pode dar “a quente”, no calor das ruas e das mobilizações de massas.

E isto só será possível se construirmos espaços coletivos entre partidos, sindicatos e movimentos populares, que sejam capazes de apresentar um programa concreto de transformações estruturais e reconectarem-se com as multidões capazes de

produzirem lutas de massas.

Se nas noites mais escuras, emergem os monstros. O desafio da esquerda é antecipar o amanhecer.

[1] EHMTEN, Stefanie, SCHARENBERG, Albert. **The Far Right in Government. Six Cases From Across Europe.** New York, The Rosa Luxemburg Foundation, 2018.

[2] <https://www.washingtonpost.com/world/2023/12/04/trump-dictatorship-authoritarian-election-2024/>

[3] AMERICAN COMPASS. **The New conservative voter.** Setembro de 2023.

[4] <https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>

[5] KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro.** Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Outubro, 2018.

****Miguel Enrique Stedile** é Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integra a coordenação do Instituto de Educação Josué de Castro (RS) e é membro do Front – Instituto de Estudos Contemporâneos.*